

## UMA ANÁLISE FILOSÓFICA DA JUSTIÇA COMO VINGANÇA NO CONTO “RAPUNZEL”, DOS IRMÃOS GRIMM

Anália Beatriz Correia de Moraes (1); Thaís Serafim Oliveira (2); Emmanoel de Almeida Rufino (3)

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, analiabcml@gmail.com<sup>1</sup>; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, thais.serafim@outlok.com<sup>2</sup>; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, emmanoel.rufino@ifpb.edu.br<sup>3</sup>*

### Introdução

A busca pela justiça está presente nas sociedades humanas há vários séculos, e com o passar do tempo, esse tema vem sendo moldado para atender várias necessidades da população. Outro “tema” não menos incomum à esfera humana é a forma mítica de não só narrar fatos diversos de sua realidade, mas de inserir significados explicativos a fenômenos diversos, desde o microcosmos social, ao macrocosmos que é o universo. Contos de fada não são mitos no sentido estrito do conceito cunhado por Mircea Eliade (2007), porque apesar de ser uma narrativa exemplar e que de tão contada, passa à atemporalidade, os contos de fada não necessariamente tocam em temas sagrados, ao menos no que isso tange a religião enquanto instituição humana.

Entre o tema “justiça” e os “contos de fada”, esse estudo quer promover uma interface investigativa assumindo a famosa narrativa “Rapunzel”, tentando pensá-la filosoficamente à luz do tema da justiça. Neste conto, fomos suscitados à relação que – aparentemente – está posta no texto entre as noções de justiça e vingança. Noções, aliás, cuja convergência é bastante comum em diversas tradições civilizatórias, no passado e no presente. Os termos desse pressuposto investigativo nos dirige ao problema central de nosso estudo: *como o conto “Rapunzel” (dos Irmãos Grimm) tocam o problema da justiça interpretada como vingança?* À luz dessa problemática e objetivando, portanto, compreender tal interface temática dentro do referido conto, projetamos nossa análise em duas etapas específicas: primeiramente, explicitaremos as linhas gerais da narrativa do conto de fadas *Rapunzel*, para que, num segundo momento, possamos analisar como o conto *Rapunzel* toca nos temas justiça e vingança a partir de suas narrativas e cenas (veladas ou explícitas) e quais as possíveis implicações filosóficas dessa intersecção que, segundo sugerimos hipoteticamente, se instalam na narrativa.

Pelo fato dos contos de fadas serem amplamente conhecidos e só lidos muitas vezes por ser uma estória que contém um final feliz, o conto *Rapunzel* por sua vez, uma vez que contém essas características, nos aguçaram a investigá-lo e interpretá-lo do ponto de vista filosófico. Embora haja um amplo conhecimento das narrativas dos irmãos Grimm, há uma escassez no que diz respeito a

estudos acadêmicos que analisem essas obras sob uma nova perspectiva. Para tal, o presente trabalho trata-se apenas de um caminho a seguir, a fim de que futuramente, outros investigadores possam buscar outras análises a partir dos contos de fadas, podendo enriquecer cada vez mais a importância da leitura desses contos, assim como a dimensão de seus conteúdos. No âmbito social, nosso estudo amplia o discernimento crítico acerca do tema justiça, bem como enfatiza a temática da vingança.

Além desses fatores aduzidos anteriormente, esse exercício investigativo está atrelado ao projeto Contos de Fada e filosofia do Grupo de Pesquisa Paideia e Cultura no projeto civilizatório ocidental (IFPB/CNPq), essa iniciativa contribui na disseminação do pensar além, uma vez que, os contos possuem uma ideologia muito maior do que muitas vezes concluímos com o “felizes para sempre”.

## **Metodologia**

A tipologia do presente trabalho tem caráter estritamente teórico, sendo articulado, portanto, a partir de pesquisas bibliográficas. Em virtude das estratégias metodológicas que foram adotadas, a primeira parte do estudo, como citado em nossos objetivos, se dedicada à apresentação da linha narrativa do conto Rapunzel. Para tal feito, fizemos uso referencial da obra *Contos de fadas* (2010). Na segunda parte do estudo, ainda fazendo uso do texto-base supracitado, a fim de pensarmos a intersecção entre justiça e vingança no referido conto e quais as implicações filosóficas dessa intersecção, recorreremos à análise que Platão fez da justiça na sua obra *República* (2006). Como obra de suporte à tal empreendimento filosófico, dialogamos com os comentários de Purshouse no livro *A república de Platão* (2010).

## **Resultados e discussão**

O conto Rapunzel fala de um casal que desejava há muitos anos ter um filho. Esse casal morava próximo a um jardim cercado por um muro alto, que pertencia a uma feiticeira temida por todos. Certo dia, a esposa percebeu ali uma plantação de alface do tipo rapunzel e foi tomada pela ânsia de colhê-lo. Na calada da noite, seu esposo adentrava na propriedade da feiticeira e furtava o rapunzel para saciar a vontade de sua mulher. Isso ocorreu por algumas vezes até que a feiticeira o descobriu e em forma de punição, a criança que estava sendo gerada – no momento que a esposa desse a luz – seria entregue à feiticeira. O trato foi cumprido e essa criança foi chamada de Rapunzel. Ao completar doze anos, ela foi colocada no alto de uma torre em que só havia uma

pequena janela para que a feiticeira pudesse entrar quando Rapunzel jogasse seus cabelos e os mesmos servissem de escada. A relação das duas era como de mãe e filha, até o dia em que a feiticeira descobriu que havia um príncipe que mantinha contato com Rapunzel. Ela cortou os cabelos de sua filha e a mandou para o deserto e o príncipe teve seus olhos arranhados para que nunca mais pudesse ver Rapunzel novamente. O príncipe vagou durante muitos anos sem enxergar até que um dia ouviu a voz de sua amada, que ao chorar, fez suas lágrimas caírem nos olhos do príncipe de modo que ele passou a enxergar novamente.

O tema *justiça* pode ser percebido em dois momentos distintos ao longo do conto. O primeiro deles ocorre quando a feiticeira toma a criança recém-nascida de seus pais biológicos como forma de justiça – assim como o advento da *pólis* grega, a culpa por qualquer ato injusto era aplicada não só ao indivíduo, mas a todos os membros da família, tendo em vista que todos são considerados “semelhantes” – em virtude do furto que teriam cometido mesmo tendo conhecimento do perigo de serem flagrados. Ao trancar Rapunzel em uma torre, a feiticeira estaria tratando Rapunzel da mesma forma que seus plantios, longe de tudo e de todos, com um muro alto impedindo quem quer que seja de atingir “sua propriedade”; dessa forma, seguindo as considerações de Platão, a justiça só é alcançada quando todos os indivíduos vinculados em determinada situação desempenham a função mais apropriada para suas habilidades e sua instrução, e ainda podendo classificar uma pessoa justa como alguém cuja alma é ordenada de modo apropriado, enquanto, por sua vez, a pessoa injusta como uma pessoa de temperamento perverso e desordenado. A medida que a feiticeira usa a criança, permuta em troca do consentimento para a colheita de seu vegetal e a mantém em cárcere privado, não estaria cometendo justiça, e sim vingança, tendo em vista que o ato justo não deve fazer mal a ninguém.

O próximo ponto de debate se refere ao momento em que a feiticeira descobre que estava sendo lesada por Rapunzel, pelo fato de que outra pessoa teria mantido contato com sua “prisioneira”, à medida que a feiticeira causa danos ao príncipe, como um ato de justiça, em função do senso protetor a Rapunzel, pelo ato de violência contra o príncipe, mais uma vez é considerado ato de vingança, visto que, segundo Sócrates “a justiça requer não somente a execução de determinados atos, mas também a presença de determinados motivos por trás das ações, como o desejo de ver a justiça prevalecer” (PLATÃO, 2006), de acordo com essa análise, pode-se concluir que a finalidade da feiticeira não era “ver a justiça prevalecer”, mas sim, tomar para si novamente o que apenas “lhe pertencia”.

Por fim, considerando que a feiticeira julga Rapunzel como traidora, podemos identificar que, de fato, a justiça não era o foco da feiticeira, pois, assim como Sócrates menciona, uma pessoa injusta individual é submetida a uma guerra psicológica interna já que a vingança não é eterna e sim um alívio passageiro.

## Conclusões

Embora muitas vezes os contos de fadas sejam lembrados apenas por serem destinados a literatura infanto-juvenil, neles podemos encontrar inúmeros elementos que nos levam a outras interpretações. O presente estudo se deteve no conto Rapunzel, dos irmãos Grimm, e a partir das análises de justiça para Platão, assim como para Sócrates, pudemos distinguir as noções de justiça – a partir de algumas características que nos levam a descrever o indivíduo justo como o que não usa de má fé para conseguir o que almeja – da concepção da vingança, que nos leva a agir de forma “olho por olho, dente por dente”.

**Palavras-Chave:** Irmãos Grimm; Justiça; Vingança; Rapunzel.

## Referências

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 6. ed. Trad. de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Debates; 52).

PERRAULT et al. **Contos de fada: de Perrault, Grimm, Andersen & outros**. Apresentação Ana Maria Machado. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

PLATÃO. **A república**. Trad. e Org. de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PURSHOUSE, Luke. **A República de Platão: um guia de leitura**. Tradução Luciana Pudenzi. São Paulo: Paulus, 2010.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento Grego**. 17ª ed. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Difel, 2008.